

## **A ERRÂNCIA E OS NOMADISMOS NA ESCRITA DE MIA COUTO EM TERRA SONÂMBULA<sup>1</sup>**

Profa. Dra. Enilce Albergaria Rocha  
UFJF/MG

A narrativa de TS, embora circunscrita à realidade de Moçambique pós-independência, coloca uma questão crucial, em nossos dias diante da complexidade de um mundo estruturado historicamente em nações fechadas e que vem sofrendo os impactos dos processos de globalização: como transformar o imaginário dos povos e abrir as fronteiras territoriais, face à desterritorialização espacial e/ou cultural vivenciada por indivíduos isolados, por famílias ou por populações? A errância, o nomadismo circular e o exílio, impõem-se hoje aos povos como resistência e luta pela sobrevivência. Featherstone<sup>2</sup> diz o seguinte acerca do fenômeno das migrações na contemporaneidade quando analisadas pelas teorias da chamada pós-modernidade:

“Existe, na literatura sobre o pós-modernismo, uma tendência a criticar conceitos de identidade fixa [...] Eles são criticados por se apoiar ou procurar estabelecer categorias universais, identidades unificadas e modelos sistêmicos. Em contraste com essa rigidez e inflexibilidade, na qual a teoria procura falar sobre todos e em todos os lugares, as teorias pós-modernas enfatizam nossos horizontes limitados e a integridade de todas as variedades do conhecimento local. Nesse contexto, oferece particular interesse o uso frequente de metáforas do movimento e da marginalidade. Existem referências à viagem, ao nomadismo, à migração, ao cruzamento de fronteiras. O nomadismo e a migração são encarados não apenas como características da condição global contemporânea, mas como fundamentais para a linguagem.[...] O nômade tornou-se uma categoria importante nesse tipo de literatura sobre os estudos culturais”.

---

<sup>1</sup> COUTO, Mia. Terra sonâmbula. Lisboa: Caminho, 1992.

<sup>2</sup> FHEATHERSTONE, Mike. O desmanche da cultura. São Paulo: SESC/Studio Nobel, 1997, p. 174.

Em TS duas narrativas de viagem alternam-se ao longo do romance: os capítulos, que narram o nomadismo circular do menino Muidinga e do velho Tuahir, e os cadernos, que narram a errância de Kindzu, o autor dos cadernos. Glissant opõe o nomadismo circular ao nomadismo em flecha. O primeiro, é característico dos povos, comunidades e grupos que se deslocam em busca da sobrevivência, e é através deste deslocamento circular que a sobrevivência da comunidade é garantida. Uma das características fundamentais deste nomadismo é que neste movimento que move estas populações, nem a audácia, nem a agressão ao Outro estão presentes, contrariamente ao nomadismo em flecha, característico dos colonizadores. Para Glissant, o nomadismo circular “é uma forma não intolerante da sedentariedade impossível...”, enquanto que o nomadismo em flecha “é um desejo devastador de sedentariedade”.<sup>3</sup>

A Errância, por sua vez, é o apetite do mundo, e habitados por ela traçamos trilhas para ir ao encontro da diversidade, para donner avec (isto é, confluir). E é também a Errância que inclina o Sendo a abandonar os pensamentos de sistema pelos pensamentos “terra à terra” de investigação do real.

Retomando portanto a estrutura de Terra Sonâmbula, temos a alternância entre os capítulos e os cadernos, ou seja, entre o nomadismo e a errância, sendo que a cada capítulo corresponde um caderno. Os capítulos fazem parte dos cadernos, ou os cadernos inserem-se nos capítulos? O vai-vem entre o interior [a escrita dos cadernos] e o exterior [o mundo "real"] são como o Mar Índico que é mar aberto rompendo as fronteiras entre a escrita e a realidade.

Tanto os capítulos quanto os cadernos são acumulações de histórias ouvidas, sonhadas, inventadas a partir da relação mágica e cósmica da cultura moçambicana com o seu entorno: relação de simbiose entre o homem e a natureza, os vivos e os mortos dentro de um tempo cíclico que implica o eterno retorno. Mazzoleni (1992) ao abordar o desenvolvimento da consciência

---

<sup>3</sup> GLISSANT, Édouard. Poétique de la relation. Paris: Gallimard, 1990. p.24

histórica no ocidente e baseando-se em “La Fine del Mondo” de Ernesto De Martino (1908-1965) contrapõe a sociedade ocidental, cuja chave de leitura do real só pode ser historicizante, linear e progressiva, às culturas tradicionais, nas quais as ações humanas inserem-se em uma dimensão cíclica ou destemporalizante:

“Para Ernesto De Martino (1908-1965) –como se deduz de seu *La Fine Del Mondo* existe uma nítida distinção entre nossa cultura, “atenta à consciência histórica”, e as sociedades em que se opera uma contínua desistoricização do real através do mito e do rito: nestas últimas opera o tempo da previsibilidade e da segurança, e o modelo é oferecido pelo ciclo astronômico e sazonal. A consciência histórica, que é substancialmente o reconhecimento da humanidade do devir, determinou-se onde se deram os pressupostos daquela que podemos chamar a cultura ocidental: ou seja, o desenvolvimento dos meios de produção, a sedentarização, o crescimento dos centros urbanos e da articulação social, enfim, a constituição de um Estado de direito.”<sup>4</sup>

Nos cadernos de *Kindzu* a escrita é a viagem errância, ou seja, o contrário do itinerário, da trajetória, do destino, do nomadismo em flecha, característico dos descobridores, conquistadores e viajantes ocidentais. Segundo Glissant, a errância de agora constitui um resgate do “pensamento da errância” enquanto resistência cultural, e assemelha-se ao que foi vivenciado em solo europeu, por exemplo, pelos trovadores, logo no início da constituição das nações européias, e pelo poeta Rimbaud no final do século XIX e início do século XX. Para Glissant, a errância do trovador, ou a de Rimbaud, manifestam o desejo de lutar contra a raiz intolerante, o enraizamento, a exclusão dos Outros do mundo, as fronteiras fechadas e o nomadismo em flecha dos colonizadores. São errâncias que não se configuram ainda como rizomas na Relação, mas que já clamavam por ela. “A raiz é mono-linguística. Com os trovadores, com Rimbaud, a errância é vocação, que só se

---

<sup>4</sup> MAZZOLENI, Gilberto. O planeta cultural: para uma antropologia histórica. São Paulo: EDUSP, 1992. p.185

expressa através dos desvios. Esta errância é apelo e não ainda a plenitude da Relação".<sup>5</sup> No pensamento glissantiano a Totalidade-Terra corresponde à concretude dos povos presentes hoje na cena do mundo e esta totalidade é aberta, em movimento e em Relação: "A Relação é a trama concreta e obscura na qual o silêncio e o aniquilamento das comunidades, seus desregramentos e suas tentativas de liberação se mostram, se dizem nos discursos dos povos. E nossas existências estão atadas por uma multiplicidade de elos obscuros, imperceptíveis, não ainda interiorizados, não ainda conscientes, a este sofrimento do mundo." <sup>6</sup>

Segundo Glissant, houve um momento em que a construção das nações ocidentais pressionou a errância a estabilizar-se em sedentariedade. E esta expandiu-se e legitimou-se em descoberta e conquista. O mito europeu das viagens e das narrativas de viagens estaria já contido nesse movimento: o pressuposto que move o viajante ocidental (o descobridor, o conquistador) é o de que a sua raiz é a mais forte, e o de que o seu Ser vale pelo que a sua raiz é, ou seja, por aquilo que ela representa em termos de valor. Os povos colonizados lutam contra essa diminuição de si mesmos, e em consequência disso, a procura de sua própria identidade se traduz num processo longo e doloroso de oposição a essa inferiorização e a essa redução de si.

Em vista disso, o processo de "des"-colonização necessita ultrapassar a limitação que esse processo de oposição sistemática representa, e abrir-se ao processo de criouliização das culturas e da identidade-Relação. Entretanto, na ultrapassagem desse pensamento dicotômico no que concerne a identidade, os povos em processo de "des"-colonização esbarram na própria idéia de nação ocidental, que está estruturada em torno do conceito unitário de língua e território, da oposição entre o cidadão (o Mesmo) e o estrangeiro, entre o sedentário e o nômade.

---

<sup>5</sup> GLISSANT, Édouard. (Opc.) p. 127

<sup>6</sup> ALBERGARIA ROCHA, Enilce. A Utopia do Diverso: o pensamento glissantiano nas escritas de Édouard Glissant e Mia Couto. (Tese de Doutorado – Departamento de Letras Vernáculas – USP). São Paulo, 2001. p. 23.

Segundo Glissant, o "pensar o outro" só cessará de ser dual, para abrir-se aos múltiplos Outros, quando as opacidades desses múltiplos Outros tiverem sido reconhecidas sem que prevaleçam as sutis hierarquias estabelecidas pelos universais generalizantes. E o "pensar o outro" compreende o abrir-se à Relação, o que implica a não redução da opacidade do Outro à transparência especular do Mesmo. É ainda o pensamento da errância que cria a poética da Relação que compõe-se da totalidade dos relatos relativos (e não absolutos) dos povos, em Relação entre si, pois criar Relação significa o implicar-se no movimento das histórias dos povos. Em nossos dias, a poética da Relação passa pela consciência que temos da Relação, e essa consciência generalizou-se, tanto ao nível coletivo, quanto ao nível individual.

Kindzu adquiriu essa consciência. Ele sabe, como diz Glissant, que o Outro está em nós, repercute sobre o nosso devir, sobre a nossa sensibilidade e sobre a maioria de nossas concepções. Ele tem consciência que *Je est un Autre*, "Eu é um Outro": "O Eu é um outro de Rimbaud é historicamente literal".<sup>7</sup> Em TS a narrativa da errância de Kindzu - de sua identidade-Relação, de sua disponibilidade para vivenciar o processo de criouliização - desfaz os dualismos presentes no conceito ocidental de nação. A viagem de Kindzu é errância através do país moçambicano destruído pela guerra. Kindzu - identidade rizoma, "sendo" em devir, parte de sua aldeia na qual paira a intolerância racial (os bandos incendiaram a loja do seu amigo indiano Surendra), a rejeição da cultura ocidental (os bandos haviam assassinado o prof. Afonso), a desesperança (sua mãe ficava a olhar o antigamente...), a morte do imaginário e da capacidade humana de sonhar, de ver o futuro como esperança e devir. Entretanto, este não vai embora de sua comunidade para fugir de sua realidade, mas para tornar-se um naparama, isto é, um defensor de todas as populações moçambicanas injustiçadas, independentemente de sua etnia, raça, ou região.

---

<sup>7</sup> GLISSANT, Édouard. Introduction à une poétique du divers. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1995. p. 39

Mas em sua errância pela nação moçambicana, reencontrará por toda parte a reprodução do que vivenciara em sua aldeia: caos, sofrimento, territórios fechados sobre si mesmos e intolerância.

A errância impõe-se a Kindzu como instinto de sobrevivência: partir para não morrer, para não deixar seus sonhos morrerem; partir impulsionado por um sonho: o tornar-se um “naparama”, justiceiro da dor e defensor dos viventes. “Me veio claro um desejo: me juntar aos naparamas: [...] eu tinha que sair dali, aquele mundo já me estava matando. – Queres sair da terra? – Pai, eu já não aguento mais. Fecho os olhos e só vejo mortos, vejo a morte dos vivos, a morte dos mortos [...] O atual desejo de me tornar um naparama me fez continuar [...]”.<sup>8</sup> Tornar-se-á um “naparama” através da escrita (“naparama” não seria aquele que narra o mapa?) O devir da errância de Kindzu são os seus cadernos semeadores de histórias semeadoras da memória coletiva, semeadora do imaginário semea-dor do ciclo da vida semeadora...Os cadernos enraizam-se na terra e germinam capítulos de vidas em descaminho e desesperança. Mas a leitura dos cadernos reavivará nos olhos desses caminhantes a capacidade de sonhar outra vez, e encantados, verão “de olhos vistos”, em si mesmos, e à sua volta, a vida vencer o seu eterno combate contra a destruição e o caos. A escrita como transformadora da relação dos homens com a sua realidade e com o seu entorno torna-se “encantamento” graças à leitura coletiva, canto comum, tão necessário quanto os alimentos da terra. “O velho pede então que o miúdo dê voz aos cadernos. Dividissem aquele encanto como sempre repartiram a comida”.<sup>9</sup>

Assim, o pensamento da errância, que é pensamento do que é relativo, reforça o sentido de identidade. A errância não se opõe à vontade de construir a sua própria identidade, mas esta deixa de ser filiada a um território, para tornar-se identidade-Relação que se constitui e se caracteriza como a busca de uma liberdade dentro de seu entorno. A errância contradiz as

---

<sup>8</sup> COUTO, Mia. (Opc.) p. 83

<sup>9</sup> COUTO, Mia. (Opc.) p. 149

intolerâncias territoriais, a intolerância da raiz única, responsáveis hoje no mundo pelas guerras e conflitos étnicos, raciais e religiosos, que são na verdade, conflitos identitários. "O errante, que não é mais o viajante nem o descobridor, nem o conquistador, busca conhecer a totalidade do mundo"<sup>10</sup>.

Em TS, o espaço percorrido é o território-nação devastado pela guerra fratricida. Os cadernos incorporam em suas errâncias o movimento do dia a dia das coletividades, e a escrita é perpassada pela multiplicidade de estórias, lendas, crenças, sonhos narrados pelos vivos que não são os fazedores da guerra, mas são os que mais sofrem com as suas consequências atroz: os velhos, as mulheres e as crianças.

A voz de uma criança, Muidinga, representante do futuro da nação moçambicana, incorpora, através da leitura em voz alta, os escritos dos cadernos de Kindzu. E, à medida que o menino lê para o velho Tuahir - o passado que este representa e o futuro que é a criança - ambos vivenciam, através da escrita que se fez leitura e que recria literalmente o real do presente, as transformações das coisas mortas em manifestações da vida. Repete-se o movimento circular do espaço-tempo: as estórias dos vivos e sua luta pela sobrevivência perpassam a escrita, renovando a narrativa, implodindo a sintaxe, reinventando ludicamente o léxico. A voz da criança lendo as estórias, desfaz os sentimentos e as cores tristes que insistem em matar a vida. E a narrativa das estórias coletivas acumuladas nos cadernos de Kindzu se tornam a memória da criança Muidinga. Os cadernos se tornam o espaço concreto do qual a vida irradia, posto que a força poética é força que irradia e prefigura o real visionariamente: a escrita torna-se o suporte da vida e restaura a esperança e a capacidade humana de resistência.

O percurso utópico da esperança está no poder da escrita oralizada em metamorfosear o imaginário dos vivos: a paisagem à volta do "machimbombo" (o ônibus) queimado (símbolo da

---

<sup>10</sup> GLISSANT, Édouard. Poétique de la relation. Paris: Gallimard, 1990. p. 33

nação destruída) se modifica, se desloca como os humanos. Nos matos desertos, à beira da estrada, o menino e o velho assistem a rituais tradicionais das populações das aldeias; surgem animais que atravessam a estrada deserta; os sentimentos do velho Tuahir por Muidinga se descrystalizam em suavidade, e o imaginário se alça nas asas dos sonhos e dissolve o medo e a tristeza do menino. Tudo é movimento no entorno da estrada e do machimbombo queimado: a errância de Kindzu, o nomadismo circular de Tuhair e Muidinga, de Gaspar (o filho de Farida), das populações que deixaram as aldeias e se abrigam nos campos dos deslocados; o nomadismo em flecha dos fazedores da guerra. A terra está sonâmbula, porque os mortos e os vivos se movimentam, buscam a vida, a sobrevivência, enquanto a natureza se transforma, continua seu eterno ciclo.

A escrita é dilatada, dilacerada, distendida, líquida. À medida em que Kindzu-errante avança pelo mar sem fronteiras, os cadernos são visitados pelos espíritos dos antepassados: o espírito de seu pai Taímo, os "xipocos" (os feiticeiros). As culturas tradicionais (o culto dos mortos, os rituais coletivos, as crenças, a Relação cósmica com o entorno, etc.) incorporam a escrita. O errante Kindzu e sua escrita-errante mergulham na opacidade do Diverso das culturas moçambicanas, e nesta imersão seu imaginário se nutre e se transforma, graças ao encontro com a diversidade de Outros que compõem este Diverso. Suas estórias reunidas nos cadernos graças à trama da escrita, revelam a complexidade deste Diverso: as sociedades tradicionais e suas relações tribais comunitárias, as etnias, sua relação com a natureza, com a morte e com os antepassados, seu tempo cíclico durativo, seus rituais iniciáticos, seu imaginário, sua religiosidade, suas crenças; as minorias culturais indiana e síria; a cultura do colonizador; o multilinguismo e o multiculturalismo; o processo de crioulaização das culturas moçambicanas. O Diverso dilui e torna absurda qualquer tentativa de redução da nação moçambicana a um modelo estandardizado de cultura e de homem..



TS escrita-errância não enuncia, não edita nenhuma certeza identitária, nenhum modelo uno, dogmático de identidade. A identidade é errância dentro e através do Diverso em um mar sem fronteiras. Ao incorporar a fala abissal e mágica das culturas moçambicanas - fala obscura, errante, imprevisível e acumulativa - a narrativa, ironicamente, por justaposição, ridiculariza e esvazia o discurso do poder, que é discurso da representação no qual as palavras-conceitos importadas dos sistemas ideológicos ocidentais, se tornam pastiche, colagens, "idéias fora do lugar", no sentido cunhado por Schwarz, R.<sup>11</sup>

Glissant ao fazer a crítica da “generalização” propõe o pensamento da errância como propulsor das transmutações e das confluências necessárias no nosso presente histórico, afirmando o seguinte: “A generalização é totalitária: ela elege um arcabouço de idéias presentes no mundo, ou um inventário de constatações sobre o mundo, que ela seleciona e tenta impor ao Diverso do mundo através da exportação de modelos [...] Quem sabe hoje, no nosso presente histórico, as humanidades não conseguirão transmutar através do pensamento da errância, as opacidades do Mito, que antigamente eram enraizadoras, e as clarividências multiplas da filosofia política, conciliando Homero e Platão, Hegel e o ‘griot’ africano.”<sup>12</sup>

O pensamento rizoma orienta a escrita-errância dos cadernos de Kindzu. Como Kindzu, a escrita se movimenta através de um espaço aberto, rumo aos Outros que constituem o Diverso da nação moçambicana. Assim, a narrativa inventaria estórias e sonhos, e, ao fazê-lo, tece a poética da Relação que trama a tessitura das dinâmicas de resistência dos excluídos, em suas lutas cotidianas pela sobrevivência.

---

<sup>11</sup> SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

<sup>12</sup> GLISSANT, Édouard. (Opc.) p. 33.